



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL de LONDRINA**

---

**GISELE JULIANI DOMINGUES**

**A EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR, A INFLUÊNCIA DA  
TELEVISÃO E AS POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO COM A  
FAMÍLIA**

---

Londrina  
2009

**GISELE JULIANI DOMINGUES**

**A EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR, A INFLUÊNCIA DA  
TELEVISÃO E AS POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO COM A  
FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Pedagogia - Habilitação: Educação  
Infantil da Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof.Ms. Juarez Gomes.

**Londrina  
2009**

**GISELE JULIANI DOMINGUES**

**A EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR, A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO E AS  
POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO COM A FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Pedagogia - Habilitação: Educação  
Infantil da Universidade Estadual de Londrina.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Componente da Banca  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Componente da Banca  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.



***Dedico este trabalho a minha família que me apoiou nos momentos mais difíceis da minha vida, em especial ao meu marido Cristiano que teve paciência comigo durante todo o percurso deste trabalho e me esperou nas minhas horas de estudo.***

***Agradeço a Deus e a duas pessoas que foram fundamentais no desenvolvimento deste trabalho, primeiro o meu orientador Juarez Gomes e em segundo a Irmã Lucimar Stefanello.***

## RESUMO

Este trabalho objetiva compreender as implicações relacionadas a conceitos e práticas de orientação e educação sexual, entender o papel da família diante essa educação sexual, saber quais as contribuições que a TV tem trazido no que se refere ao comportamento sexual da crianças, relatar a situação da educação sexual em parte das escolas de Londrina-Pr. Neste estudo foi utilizado o método qualitativo. que procurou saber, através de questionários destinados aos professores de séries iniciais, como anda a orientação sexual nas escola, se a família está presente até que ponto a TV está influenciando os valores éticos e morais das crianças. Para dar suporte teórico às questões aqui apresentadas, utilizou-se uma vasta bibliografia produzida por estudiosos que se destacam no assunto, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais que é um documentos de nível nacional, que rege toda a educação do Brasil. As informações obtidas permitiram perceber que dentre os motivos apresentados para a não inclusão da temática Orientação Sexual nas escolas, está a dificuldade de expressão, ou seja, a forma de dialogar assuntos referidos ao tema. Permitiram também perceber que as famílias estão um tanto quanto omissas no que diz respeito à orientação sexual escolar e que a televisão está tomando conta dos pequenos estão se tornando babás de nossas crianças e os educando da forma que bem entendem.

**Palavras-chave:** Educação; Orientação; Sexualidade; Televisão; Família.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>1 EDUCAÇÃO SEXUAL E ORIENTAÇÃO SEXUAL</b> .....	4
1.1 Orientação e Educação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais.....	5
<b>2 A INFLUENCIA DA TELEVISÃO NA CONSTRUÇÃO DE PRINCÍPIOS E VALORES PERTINENTES A SEXUALIDADE DA CRIANÇA</b> .....	11
<b>3 EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E O PAPEL DA FAMÍLIA</b> .....	18
3.1 A participação da Família na Formulação do Projeto de Orientação Sexual na Escola.....	19
3.2 Resultados da Pesquisa.....	22
3.3 Entrevista com uma Orientadora Sexual.....	25
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	27
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	29
<b>APÊNDICE-</b> Questionário de pesquisa de campo .....	31



## INTRODUÇÃO

A sexualidade humana tem se tornado assunto polêmico nas famílias e nas escolas, principalmente em se tratando da sexualidade infantil.

É fato que a educação sexual pode ocorrer espontaneamente pelos modelos e condutas presentes no cotidiano das crianças e adolescentes. São exemplos de conduta os pais, os educadores, os amigos e a mídia, em particular a televisão e caracteriza-se por ter de estar adequada à necessidade das crianças e dos adolescentes. Por isso, ela se dá de forma informal e contínua: todos se educam e se reeducam continuamente (SOUZA, 2002, p.17).

Porém, quando falamos que a família é a primeira e a principal educadora da criança, logo lembramos de que, na sociedade atual, as famílias, de forma geral, estão mais ausentes em relação a décadas atrás. Elas estão menos presentes em casa e na vida dos filhos.

No entanto, os seus valores éticos e morais sempre serão os primeiros apreendidos pelas crianças e os mais relevantes em suas vidas. Assim como recebem os valores de suas famílias, independentemente de sua formação as crianças, a partir do momento em que nascem, estão expostas a influências, a agentes sociais que, para os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), são muitos e entre os estímulos foi citada a mídia, em especial pelo seu poder de transmissão, tem sua função informadora e formadora.

A sexualidade humana vem sendo vítima de influências midiáticas, como a TV e a internet, por isso, alguns autores, como Hália Pauliv Souza (1991, p.25-27), definiram alguns objetivos para a educação sexual

Formar um indivíduo física e mentalmente saudável, alegre, e que saiba conviver com o sexo que possui.  
Desenvolver a liberdade, usando esse direito no sentido de decidir conscientemente, assumindo seus atos.  
Fomentar o respeito consigo e com os de sexo oposto ao seu [...]  
Valorizar a sexualidade, o próprio corpo e o corpo do outro.

Mesmo a família sabendo que ela é a primeira responsável pela educação sexual das crianças, vem delegando para a escola este ensinamento. Como diz Souza (2002), estão “terceirizando” a educação sexual; afinal, a criança de

hoje passa mais tempo na escola do que em casa com seus familiares, sem contar que a maioria de seus amigos estão na escola.

No entanto, cabe à família educar e à escola orientar sem esquecer de que uma não substitui nem concorre com a outra; ao contrário, elas devem estar sempre vinculadas e se completando. “Quando a escola e a família não se completam na ação educativa, não há programa de orientação sexual capaz de trazer o benefício e o aproveitamento total do que propõe”. (SOUZA, 2002, p.112).

Uma educação sexual que não seja acompanhada pela família, que esteja longe da realidade da criança e dos seus valores éticos e morais, pode se tornar inadequada e ocasionar problemas diversos, desde bloqueios de ordem emocional até riscos para a própria vida, como as DST's e o aborto.

Por causa destas e de outras preocupações que vêm fomentando nos últimos tempos em torno da temática sexualidade e pelo tema estar tão presente na sociedade atual, principalmente nas escolas, é que se pensa tanto em uma educação sexual adequada, por isso a proposta deste trabalho.

É preciso levar em consideração que a efetivação deste trabalho começou a partir de experiências vividas dentro do contexto da educação infantil, no qual percebi nas crianças que o problema que precisava ser resolvido, e que era um dos fatores determinantes no que diz respeito ao seu comportamento, era a influência da televisão e a falta de diálogo entre família e escola.

Diante uma criança de seis anos que manipulava seus órgãos genitais e que queria que seus “coleguinhas” partilhassem com ele esse desejo, fiquei confusa, sem saber o que fazer e aí surgiram os problemas.

Onde essa criança havia aprendido tudo aquilo? O que eu, enquanto educadora, poderia fazer nessa situação? De que forma a escola poderia me amparar diante a família, sendo que não estava preparada pra dar nenhum tipo de orientação sexual?

Essas e outras questões pertinentes ao assunto serão as que nortearão esta pesquisa, que tem a finalidade de discutir o valor desta educação sexual e analisar, como a televisão vem influenciando a vida sexual da criança, assim como perceber a abertura que a escola vem dando à família quando se trata da temática sexualidade.

Esta pesquisa também tem como objetivo contribuir como referência teórica para pesquisas e estudos diversos, além de ser designada para interessados

em conferir os dados resultantes, analisá-los e colocar em prática uma educação sexual para as crianças.

Busco, com este estudo, refletir sobre a situação da educação sexual nas escolas de Londrina, saber quais as contribuições que a TV tem trazido no que se refere ao comportamento sexual das crianças, uma vez que estas têm transmitido a sexualidade adulta como modelo, assim como entender o papel da família diante essa educação sexual e compreender as implicações relacionadas a conceitos e práticas de orientação e educação sexual.

Nesta pesquisa, o método a ser utilizado será o qualitativo, no qual será discutido os estudos sobre a orientação sexual nas escolas, a que nível está a influência da televisão na formação da identidade sexual da criança e perceber qual está sendo a posição da família dentro da escola quando este tema é tratado.

Este trabalho partiu de referências teóricas, de estudos feitos por especialistas no assunto e de pesquisas de campo elaboradas por alguns autores que, por sua vez, também se propuseram a levantar dados que refletiam a educação sexual nas escolas.

Com os estudos em mãos, preparamo-nos para discutir o tema aqui proposto: educação e orientação sexual e os papéis da família e da escola.

Quando a pesquisa de campo começou a caminhar, percebemos qual era o chão em que estávamos pisando e procuramos nos deter a todos os detalhes.

Além dos questionários entregue a professoras dos anos iniciais, pensamos em uma complementação: entrevistar uma orientadora sexual, a fim de sabermos como realmente atua uma professora com formação para tal área.

Com os dados e entrevista, demos a conclusão ao trabalho considerando que as escolas, em sua maioria, não estão seguindo as propostas elaboradas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que têm função de fundamentar os conteúdos e as metodologias das escolas.

Assim como as escolas, parte dos professores ignora o assunto “educação sexual” e prefere não opinar ou descartar a sua responsabilidade quanto ao tema. Além de esperarem que esta educação seja de cargo único da família, quando esta e a escola devem caminhar juntas sempre, desde o projeto de educação sexual até a sua execução.

## 1 EDUCAÇÃO SEXUAL E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Para darmos início a este trabalho, é de suma importância esclarecermos o que entendemos sobre os conceitos de Orientação Sexual e de Educação sexual.

Educação se refere a um conjunto de valores éticos, de comportamentos, ensinamentos e ideologias, que são transmitidos pela família e ambiente social, inclusive com influências da cultura, da mídia (rádio, TV, revistas, etc.), e dos amigos da escola. Educação Sexual é um conjunto de informações desenvolvidas de forma assistemática sobre a sexualidade. Logo, esta deve ser realizada pela união das diversas instituições educativas, como escola, família e instituição religiosa. Todos nós somos educadores sexuais; assim, todas as pessoas são educadas sexualmente.

Suplicy (apud RIBEIRO, 1993, p. 22), coloca o que seria educação sexual:

Educação Sexual começa no útero da mãe e só termina com a morte. É um processo ininterrupto, e é através dela que vamos formando a nossa opinião, desfazendo-nos de coisas que ficaram superadas dentro de nós e, ao mesmo tempo, transformando nosso pensamento.

Por outro lado, a Orientação Sexual, conforme colocada nos Parâmetros Curriculares Nacionais permite apenas discussões de questões polêmicas como masturbação, namoro e homossexualidade. Além disso, ainda pode ser definida também como um processo de intervenção sistematizado, planejado e intencional, na expectativa de promover o espaço de acolhimento e reflexão das dúvidas, valores, atitudes, informações, posturas, contribuindo para a vivência da sexualidade de forma responsável e prazerosa (SUPLICY et al., 1994).

Orientar é partir de um comportamento, por isso os PCN's (BRASIL, 1998, p. 299) usam o termo "Orientação Sexual" por não ser responsabilidade da escola doutrinar a sexualidade da criança. Eles propõem a Orientação Sexual inclusa no projeto educativo, deixando claro que esta não tem caráter de aconselhamento individual nem psicoterapêutico.

Segundo Suplicy et al. (1998, p.8):

A Orientação Sexual é um processo formal e sistemático que se propõe a preencher lacunas de informações, erradicar tabus, preconceitos e abrir discussões sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos na área da sexualidade.

Os PCN's (1998) pretendem mostrar que o trabalho de Orientação Sexual, portanto, não se restringe apenas a uma mera informação reprodutiva ou preventiva, pois a sexualidade tem uma dimensão histórica, cultural, ética e política que abrange todo o ser: corpo e espírito, razão e emoção, podendo expressar-se de diversas formas: carícias, beijos, abraços, olhares (SANTOS, 2001).

Essa Orientação Sexual também pode ser realizada por outras instituições que não a escola, como os orfanatos, creches, comunidades, associações de bairro e sindicatos (RIBEIRO, 1990).

### **1.1 Orientação e Educação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual (PCN's) formam um documento elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), no ano de 1998. Ele se constitui de um conjunto de orientações para melhorar a qualidade do ensino e contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos, autônomos e participativos (LUCCI, 2000).

De acordo com a autora Helena Altmann (2001, p.579):

[...] os PCN's pretendem ser um referencial fomentador da reflexão sobre os currículos escolares, uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares.

Especificamente em relação à parte deste documento, a qual nós estudaremos, justifica a importância de incluir Orientação Sexual como tema transversal nos currículos e discorre sobre a postura do educador e da escola, descrevendo as referências necessárias à atuação educacional ao tratar do assunto, levando em consideração que o objetivo deste documento é promover reflexões e discussões de técnicos, professores e equipes pedagógicas, bem como de pais e responsáveis com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões da sexualidade (BRASIL, 1998, p. 287).

Ainda a autora Helena Altmann (2001, p. 580) comenta que:

Nos PCN's a Orientação Sexual é entendida como sendo de caráter informativo, o que está vinculado à visão de sexualidade que perpassa o documento. A sexualidade é concebida como um dado da natureza, como “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida”. Fala-se em “necessidade básica”, “em potencialidade erótica do corpo”, “em impulsos de desejo vividos no corpo”. sobre o que os sujeitos, principalmente os adolescentes, precisam ser informados.

Para que possamos entender a Orientação Sexual presente nos PCN's, é necessário saber que o tema “sexualidade” nem sempre esteve presente no âmbito escolar.

Houve um momento da história da educação brasileira em que foi proposta a educação sexual, porém foi rejeitada pelo governo da época por ser entendida como função exclusiva da família.

Como nos mostra Fúlvia Rosemberg (1985 *apud* ALTMANN, 2001, p. 579):

Na segunda metade dos anos 60, algumas escolas públicas desenvolveram experiências de educação sexual. Todavia, elas deixam de existir em 1970 após um pronunciamento da Comissão Nacional de Moral e Civismo dando parecer contrário a um projeto de lei de 1968 que propunha a inclusão obrigatória da Educação Sexual nos currículos escolares. Em 1976, a posição oficial brasileira afirma ser a família a principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas, porém, inserir ou não a educação sexual em programas de saúde. Durante os anos 80, a polêmica continuou. Todavia, afirma a autora, as modificações ocorreram quase que exclusivamente em nível de discurso.

O argumento dado para o não se trabalhar a Orientação Sexual nas escolas era sempre de que a família apresentava certa restrição quanto a essa Orientação. No entanto, vimos que a família passou a se preocupar diante do grande crescimento dos casos de gravidez indesejada na adolescência, que acarretou na proliferação do vírus HIV. Começaram a perceber que a dificuldade de tratar do assunto em casa era um dos motivos pelo qual tudo isso estava acontecendo; foi comprovado em uma pesquisa do Instituto Data Folha, divulgada em 1993, que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis à inclusão de Orientação Sexual nos currículos escolares (BRASIL, 1998, p. 291).

Hoje, os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem que a Orientação Sexual seja realizada na escola de forma transversal, ou seja, tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos deverão encontrar-se contemplados

pelas diversas áreas do conhecimento. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio de seu conteúdo específico (BRASIL, 1998, p. 307).

A Orientação Sexual, além da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS, também tem a função de contribuir para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura, apesar de os PCN's não deixarem explícito tal objetivo. A proposta elaborada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para se atingir tais objetivos é de a escola abordar as repercussões e o modo como são transmitidos os conteúdos pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade.

Sendo assim, é imprescindível que a escola, ao tomar a Orientação sexual como uma de suas competências, defina os princípios que nortearão o trabalho.

De acordo com os PCN's

Esses princípios determinarão desde a postura diante das questões relacionadas à sexualidade e suas manifestações na escola, até a escolha de conteúdos a serem trabalhados junto aos alunos. A coerência entre os princípios adotados e a prática cotidiana da escola deverá pautar todo o trabalho (BRASIL, 1998, p. 299).

Ou seja, fica claro que cada escola determinará seus próprios princípios. Levando em consideração a tão grande multiplicidade de valores, a escola precisa abrir um espaço de reflexão como parte do processo formativo dos envolvidos, sabendo que a família é a primeira instituição social que aborda a sexualidade da criança (BRASIL, 1998, p.299).

Na direção das orientações dos princípios, o que se sabe é que todas as famílias educam sexualmente seus filhos, mesmo aquelas que raramente falam sobre sexo em casa. São os valores, morais e éticos, sejam eles conservadores, liberais ou progressistas e a profissão de uma religião ou não e os costumes dos pais que transmitem o modelo de como deve ser a educação sexual de seus filhos (BRASIL, 1998, p. 291).

Inclusive, a Orientação Sexual citada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais

[...] não concorre com a educação da família e muito menos substitui, mas a complementa, esta se constitui em um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar,

exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação (BRASIL, 1998, p. 299).

A partir destas reflexões, afirmamos que a Orientação Sexual tem no seu bojo a Educação Sexual. Como visto acima, educação se refere a um conjunto de valores éticos, de comportamentos, ensinamentos e ideologias, que são transmitidos pela família e ambiente social, todavia, com influências da cultura, da mídia (rádio, TV, revistas, etc.), dos amigos (as), da escola. Como destacado a educação não é cargo apenas da escola, por isso a importância da família e da comunidade participarem da elaboração da proposta educativa da escola que trata da Orientação Sexual. Como afirmam os Parâmetros Curriculares nacionais (BRASIL, 1998, p.304-305):

O trabalho de Orientação Sexual compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a Orientação Sexual incluída na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores do trabalho. No diálogo entre a escola e as famílias, pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de idéias entre esta e as famílias. O apoio dos pais aos trabalhos desenvolvidos com os alunos é um aliado importante para o êxito da Orientação Sexual na escola.

[...] abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar. Caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias.

Defende-se que nos debates que podem ser promovidos pela escola junto com os pais, no intuito de elaborar os princípios norteadores desta Orientação, é necessário que os educadores não emitam opiniões pessoais nas intervenções em sala de aula, pois a Orientação Sexual é para que o aluno tire suas próprias conclusões, devendo o professor respeitar as crenças e valores de cada família. De acordo com este documento, o educador não deve transmitir valores próprios, ao contrário dos pais, que devem sempre dar um direcionamento de acordo com o que acreditam ser melhor para seu filho.

Ainda em se tratando da postura do professor, é preciso que ele supere suas próprias dificuldades diante do tema, até mesmo refletir sobre valores e preconceitos envolvidos no trabalho de Orientação Sexual. O primeiro objetivo do educador nesse trabalho é a valorização da equidade, ou seja, a garantia de direitos



iguais a todos e da dignidade humana de cada um; isso acontecerá a partir do momento em que houver a exposição da opinião do aluno e, assim, garantir o respeito e a participação de cada um (BRASIL, 1998, p.303).

Para que este professor possa desenvolver um trabalho correto, de acordo com os PCN's é necessário que:

[...] tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola. A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual (p. 330).

No que diz respeito à forma que o professor deve adotar Orientar Sexualmente as crianças, os PCN's propõem que ele aborde os conteúdos e as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade, criando a possibilidade de a criança formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado.

A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elege como seus (BRASIL, 1998, p. 300).

Com relação aos conteúdos transmitidos pela mídia, é fácil perceber que as manifestações da sexualidade infantil mais frequentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, nas piadas e músicas jocosas que se referem ao sexo ou ainda na imitação de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta.

Todas as orientações abordadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, devem ser organizadas em torno de três eixos norteadores: "Corpo: matriz da sexualidade", "Relações de gênero" e "Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS". (BRASIL, 1998, p. 316).

A orientação será por meio de diálogo entre educador, família e aluno. Além da reflexão do tema e da disponibilidade de reconstruir as informações, que o aluno conseguirá transformar ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu código de valores pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro (BRASIL, 1998, p. 307).

Entre todas as orientações propostas pelos Parâmetros Curriculares, muitas delas não estão sendo compreendidas, principalmente no que diz respeito ao tratamento que se deve ter com os conteúdos transmitidos pela mídia e a forma pela qual são transmitidas.

No capítulo seguinte veremos que a influencia da TV tem grande importância quando falamos sobre o desenvolvimento da identidade sexual da criança.

## 2 A INFLUENCIA DA TELEVISÃO NA CONSTRUÇÃO DE PRINCÍPIOS E VALORES PERTINENTES A SEXUALIDADE DA CRIANÇA

No primeiro capítulo falamos sobre a Orientação e a Educação Sexual da criança na escola com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), e é nesse documento e em outras obras de autorias diversas que este capítulo foi fundamentado.

O acesso à televisão, por parte da criança, tem se tornado cada vez maior e mais intenso. Esse acesso é explicado por alguns estudiosos de uma forma que nos faz entender os fatores pelos quais tem se aumentado esse tempo e essa intensidade da criança em frente à TV.

Nos estudos de Pierre Weil (1994 *apud* FERREIRA; SOUZA, 2008, p. 2) foi comprovado que crianças de seis a dez anos de idade passam cerca de 23 horas semanais diante do aparelho de TV, um hábito longe de ser educativo. Esse estudo mostra a falta de uma atividade complementar, além da escola, para a criança. Muitas adotam a televisão como suas companheiras, suas amigas e até mesmo suas cuidadoras. A autora Hália Pauliv Souza (2005, p. 28) menciona esse argumento relatando que os pais: “[...] tornam a televisão uma babá eletrônica das crianças, que passam a ficar horas e horas inativas, quietas, sentadas ou deitadas na frente do aparelho, sem atividades lúdicas, motoras e sociais”.

Levando isso em consideração, não devemos esquecer que esse aparelho está contribuindo para o surgimento de sérios problemas psicológicos e sociais na criança, pois não se movimentam, não conhecem coisas e nem pessoas novas, muito menos interagem com seus pares. Assim, a TV vem se tornando parte integrante da família, como se fosse um parente, às vezes até mais, se contássemos o tempo em que ela fica acompanhada da televisão.

Com relação a essa mesma discussão, Souza (2002, p. 63) aponta:

A TV hoje é uma arma poderosa contra a criança, pois quando ela e relaciona intensamente com o vídeo da TV, recebe uma programação pronta, ocorrendo o monólogo, onde só a “telinha” fala. Também a interação com a TV é fria, sem vínculo afetivo, bloqueando o processo de socialização. Quanto mais horas ficar diante da TV, menor será a capacidade criativa da criança.

Contudo, dentre os principais argumentos para esse acesso excessivo à televisão, o mais relevante é a desarticulação dos horários dos Colégios das crianças com os horários dos trabalhos dos pais, que acabam deixando seus filhos em casa sozinhos ou com irmãos mais velhos ou até mesmo vigiados de longe por vizinhos (PINTO, 2005). Desse modo, elas ficam a mercê dos conteúdos televisivos, sem qualquer aparato por parte de um adulto que possa ajudá-la na construção de idéias críticas diante à televisão.

Aqui, cabe ressaltar que para que não haja então uma aprendizagem errada por parte das crianças acerca dos conteúdos da TV, é necessário que na ausência dos pais regulando o que seus filhos devem ou não assistir, estes abordem com suas crianças temas como sexualidade e violência. (FERREIRA; SOUZA, 2008, p. 6)

Pode a televisão formar a identidade dessa criança, pois a relação de dominador que a TV tem sobre o receptor- a criança- tende a fazer que ela imite comportamentos e atitudes transmitidos pelos programas e propagandas da televisão.

Segundo Souza (2002, p. 80) a explicação acerca do que a criança está vendo é muito importante.

[...] a criança por volta dos 7 anos de idade é muito curiosa e as respostas aos seus questionamentos trazem-lhe satisfação e segurança. Essa é a etapa que descobre atributos e qualidades, como bom, mau, bonito ou feio.

A televisão tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança de hoje, através de suas programações molda visões e comportamentos. Por meio de sua programação ela veicula imagens eróticas, alimentando as fantasias sexuais, estimulando crianças e adolescentes. Esses conteúdos para crianças que ficam sozinhas ou até mesmo acompanhadas de pais e/ou responsáveis que não dão a menor importância ao veiculado, pode ser crucial no desenvolvimento inadequado da sua personalidade.

As imagens transmitidas pela televisão sempre vêm carregadas de ideologias, conceitos e pré-conceitos. Para Ruth Sabat (2000, p. 259), as imagens tornam-se uma forma de ensinar as coisas do mundo.

Isso é chamado pela autora de Pedagogia Cultural, que constantemente veicula discursos que podem produzir efeitos de verdade no comportamento das crianças e dos adultos. Ela afirma que esses conteúdos passados pela televisão transformam-se em modelo dominante na sociedade.

[...]as imagens produzem uma pedagogia, uma forma de ensinar as coisas do mundo, produzem conceitos ou pré-conceitos sobre diversos aspectos sociais, produzem formas de pensar e agir, de estar no mundo e de relacionar-se com ele. A construção de imagens que valorizam determinado tipo de comportamento, de estilo de vida ou de pessoa, é uma forma de regulação social que reproduz padrões mais comumente aceitos em uma sociedade (SABAT, 2000, p. 259).

Tudo o que é transmitido pela mídia, em particular a televisão, tem uma intenção, seja ela favorável ou não ao ser humano. Esses conteúdos têm a finalidade, por parte da emissora, de formar pessoas. Porém essa formação é feita de acordo com a perspectiva de cidadão que a emissora televisiva tem.

Em se tratando dos conteúdos formativos e desencadeadores de comportamentos e atitudes, os autores Ferreira e Souza (2008, p. 7), apontam que:

[...] o que vemos hoje na TV não está formando ninguém mais humano, ela está sim influenciando a construção de valores, conceitos, modelos de conduta e comportamento sexual [...] como as crianças e os adolescentes estão na fase de construção de personalidade, eles estão sempre a procura de modelos e identidades para imitarem.

As emissoras transmitem cenas de violência, de sexualidade sem pensar nos prejuízos aos telespectadores, envolvendo-o de emoções e sentimentos fortes, como as tristezas, a alegria, a angústia, podendo trazer como consequência a depressão.

As crianças que assistem a essas cenas podem se tornar confusas ao depararem com episódios de tiroteio e de sexo explícito.

Como essas crianças estão em fase de desenvolvimento, elas logo assimilam esse conteúdo ao seu cotidiano, considerando uma atitude comum, afinal ela está presente na TV todos os dias (FERREIRA; SOUZA, 2008, p. 7).

Cenas eróticas, por exemplo, pode influenciar nos modos e nas atitudes do adulto do futuro. Conforme Nogueira de Deus (2008):

As cenas eróticas que, igualmente, aparecem cada vez com maior frequência. São um estímulo à erotização precoce das crianças. Hoje, as crianças não querem mais usar roupas de criança. Querem roupas iguais às dos adultos. Querem parecer atraentes, embora ainda não tenham consciência do que seja um romance, da carga de emoções envolvidas e, além disso, ainda não querem realmente um namoro.

Como as crianças e os adolescentes estão na fase de construir os seus conceitos e valores, não dá pra julgá-los quando imitarem determinados comportamentos, como o comportamento agressivo, o desrespeitador, e o vulgar. Elas, assim como outros telespectadores, são vítimas desse processo de ensinagem.

Esses comportamentos na maioria das vezes são expressos na escola, que é onde se encontram com seus amigos e colegas, por meio de brincadeiras erotizadas, piadas, expressões verbais e músicas, que tendem a manifestar-se.

De acordo com os PCN's (1998) a repetição de brincadeiras, paródias de músicas ou apelidos alusivos à sexualidade podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão e de compreensão de algum tema, cabe à família e aos educadores discutirem sobre o comportamento e as atitudes dessas crianças, além de problematizar essas questões sempre tomando como base as situações que envolvem o seu cotidiano, como as de colegas e as que são transmitidas pela televisão (adolescentes grávidas, abuso sexual, pedofilia, entre outros).

Nessa intervenção dos pais e educadores, que aqui chamamos de Orientação Sexual (abordada no 1º capítulo), é preciso levar em consideração os diversos agentes sociais que de forma externa influenciam na construção da identidade sexual da criança.

Os PCN's apontam muitos agentes sociais e milhares de estímulos que fazem parte desse processo de aprendizagem. Entre os estímulos,

[...] todas as pessoas com quem [as crianças] convivem, [pois] ao expressarem sua sexualidade ensinam coisas transmitem conceitos e idéias, tabus, preconceitos e estereótipos que vão se incorporando à educação sexual (BRASIL, 1998, p. 292).

Na listagem destes estímulos, temos novamente a presença da mídia, que corresponde à área das comunicações sociais que cada vez mais ganha terreno pela necessidade de controle das massas. Nos estímulos da TV, não estão

presentes apenas cenas de violência e de sexo explícito; através de desenhos animados, filmes, programas infantis e até mesmo tele-jornais.

As crianças de hoje, ao contrário das gerações passadas, querem se vestir como adultos, comportarem-se como adultos, porém dessas atitudes elas também não são culpadas, pois é devido a “exigência” que a televisão-formadora de opinião - faz acerca da criança ideal, que deve ser a mais adultizada possível. Despertando nelas o amadurecimento precoce, engolindo algumas fases pertinentes a sua infância, como a de brincar e divertir-se (FERREIRA; SOUZA, 2008).

Nesse aspecto, cabe considerar juntamente com os autores Martins e Silva (1995) que quanto menos educação escolar um povo tiver, mais fácil de manipulá-los será. Assim, mostra-se muito, informa-se pouco e forma-se menos ainda. Quanto mais acesso, as pessoas menos educadas na escola, têm à televisão, mais conseqüências indesejadas terão no futuro. Por exemplo, as adolescentes que engravidam sem planejamento familiar.

Uma pesquisa feita pelos mesmos autores, levava em consideração a influencia dos meios de comunicação na vida sexual de adolescentes e jovens, foi constatado que 95% dos pesquisados não lêem jornais, deste total, 90% também não lêem qualquer tipo de livro, da pequena porcentagem que lê, 60% lêem romance sexual. Levando em consideração esse total, um dos resultados mais impressionantes é o de que 80% dos pesquisados assistem à rede de TV Globo.

Com esse resultado é perceptível a preocupação de se ter a TV como o meio de comunicação mais relevante em questão, Martins e Silva (1995, p. 40) ressaltam que:

[...] pois associa a imagem e o som atingindo diretamente uma arma poderosa do ser humano que é sua potencialidade de produzir imagens primitivas através dos sonhos, que também se desenvolvem pela imagem e pelo som. Assim a TV pode atingir a “alma” de qualquer individuo, dando-lhe muitas vezes a falsa imagem de ter realizado um desejo que, mais dia menos dia, será deflagrado pela realidade.

A televisão é um meio de comunicação de largo alcance na educação sexual, tratando-a como estimulante nas atitudes e comportamentos das crianças, uma vez que nela a beleza dos personagens é exaltada e quando há envolvimento sexuais, a gravidez não é mostrada, nem doenças, tampouco traumas psicológicos (SOUZA, 2002).

Sobre esta situação Anita Chandra, pesquisadora da organização da Rand Corp, pesquisou e divulgou pela FOLHAONLINE 03/11/2008, que os índices de gravidez são mais altos entre as adolescentes que vêem muito conteúdo sexual na televisão. Estas têm o dobro de chances de engravidarem nos próximos três anos, em relação a quem tem menos acesso a esse tipo de conteúdo.

Com esses dados previstos, a questão pertinente é quanto ao que fazer para reverter essas e outras situações decorrentes do uso excessivo do aparelho de TV.

O autor Manuel Pinto ressalta que não adianta entrar em pânico ao se tratar desta situação, mas também diz acreditar que não existem receitas que possam solucionar estes problemas, o que não evita pais e educadores de tomarem algumas iniciativas, algumas delas previstas pelo autor;

É necessário criar uma <<dieta televisiva>>, onde a televisão é apenas um ingrediente desta dieta; não pode ser o único. Se não, há o risco de fazer mal, por excesso de dose.

Outra iniciativa é fazer da televisão tema de conversa e de reflexão, não apenas para falar dos programas emitidos, mas, também da própria televisão. Esta conversa é importante que se dê em família, entre os amigos, vizinhos, associações, etc. Um terceiro apontamento do autor seria o de escolher um conjunto de regras para assistir aos programas, e estar atento ao que está previsto em vários canais televisivos (PINTO, 2005, p. 66).

Para o autor outra tentativa de impedir essas decorrências seria o impedimento de a criança assistir a TV, para ele o importante seria que os pais se sentassem ao lado das crianças, sobretudo quando são muito pequenas, e assistirem aos programas que elas apreciam.

Outra estratégia proposta de prevenção dos problemas relacionados ao desenvolvimento da sexualidade na infância e na adolescência é a educação sexual, que seria tudo aquilo que os pais e/ou qualquer outra instituição educacional ensinam as crianças desde que nascem por meio de palavras, gestos e atitudes que permitem ao indivíduo modificar conceitos e comportamentos.

Essa educação sexual, dita aqui, foi ilustrada de forma satisfatória no primeiro capítulo desse trabalho. O seu papel declara-se fundamental na formação do indivíduo, no entanto, ela só é dada de forma a ter resultados significantes e



positivos quando for consequência de planejamento da escola juntamente com a família.

Concluindo esse capítulo poderíamos concordar com Brêtas e Jardim (2006) que dizem que o desenvolvimento da sexualidade humana se dá em todas as fases da vida, mas é na adolescência que ocorrem as maiores e mais significativas transformações. Porém estas mudanças precisam ser acompanhadas de perto pelos pais e educadores.

A família tem papel fundamental no sentido de acolher e educar sexualmente os seus filhos, mas por a educação sexual do seu filho não ser construída apenas em casa, é transferido à escola essa complementação. No entanto, na sua participação na educação sexual, a escola deve levar em consideração a força da mídia, o poder que ela tem de persuasão sobre as pessoas, em especial sobre as crianças.

Não dá para ignorar o que elas têm a sua volta, não dá para achar que são seres vazios. Na nossa percepção as escolas vêm tratando as crianças como depósitos de informação. É preciso que saibam o que se passa no cotidiano dessa crianças, o que acontece na sua casa, e o que acompanham pela TV.

### 3 EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E O PAPEL DA FAMÍLIA

No primeiro capítulo discutimos o que estamos chamando de educação sexual. Neste daremos mais atenção para a sua importância, a sua constituição juntamente com a família dos alunos e os seus resultados esperados.

A Educação sexual da criança é um assunto pertinente na sociedade atual e que deve ser levado a sério pelos pais e educadores. Ela é um dos aspectos que constituem a educação geral da criança. Esse é um dos principais motivos pelo qual esse tipo de educação deve ser valorizado com tal intensidade.

Para tanto, é necessário saber qual o real papel dessa educação na vida da criança.

Segundo a autora Hália Pauliv Souza (2002, p.15) :

Educar sexualmente significa orientar a criança para que passe pelas fases de evolução de sua sexualidade de forma que sua vida afetiva se estruture de modo sadio. Ajuda a criança e o jovem a encontrar uma forma de satisfazer seus impulsos a superar as tensões do ambiente. Favorece um ajustamento do indivíduo consigo mesmo, livrando-o da ansiedade que desvia suas energias, inclusive dos estudos.

A mesma autora em sua outra obra "*Convivendo com seu sexo: pais e professores*" (1991, p.19) diz o que entende como educação sexual: "Educar sexualmente é libertar da angústia, da dúvida. É entender que o desejo de prazer é anormal e saudável; não deve ser reprimido, mas orientado de forma positiva para o amor criativo e responsável".

Uma das importâncias e resultados da educação sexual está na satisfação dessas curiosidades, que por sua vez contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade, tensão e, eventualmente, inibição da capacidade investigativa (BRASIL, 1998, p. 292). Para que tudo isso aconteça é primordial a importância de os pais estarem a par de tais resultados e saberem do bem que irá fazer a sua criança.

A autora Souza (2002) falando dos PCN's (1998) lembra o valor da educação sexual e que ela é dada primeiramente pelos pais, tanto de forma verbal e não verbal, com gestos e atitudes, informando a criança o que é ser homem ou mulher, esposa ou marido. Esse documento também nos chama a atenção à

contribuição que a Orientação sexual traz para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos.

Para que tal resultado seja efetivo, a escola é orientada a propor um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões. Com esse trabalho a escola terá efeitos positivos, como a possibilidade de prevenção de problemas graves, entre eles: o abuso sexual e a gravidez indesejada.

### **3.1 A Participação da Família na Formulação do Projeto de Orientação Sexual na Escola**

Como vem sendo discutido no trabalho, a Orientação Sexual na escola deve se constituir de forma contextualizada com a vivência do aluno. Entre as situações vivenciadas pelas crianças estão os fatos, os vídeos, como filmes e programas televisivos, músicas pejorativas que estão relacionadas à sexualidade, entre outros.

Como foi apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse documento propõe-se que a Orientação Sexual seja oferecida pela escola de forma que aborde com as crianças e os jovens as repercussões e os conteúdos das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade.

Os meios midiáticos, em especial a televisão, é o que mais aborda assuntos e discussões relacionadas ao sexo. A TV é um veículo de largo alcance e que pode se constituir como um importante instrumento na educação sexual,

Nessas discussões devem ser apresentado que a televisão passa coisas boas e más, certas e erradas, positivas e negativas, porém as pessoas imitam e poucas têm senso crítico desenvolvido a fim de levar os alunos a terem senso crítico ao assistirem televisão (SOUZA, 1991, p. 37).

Por causa de valores deturpados na concepção de algumas famílias, que são transmitidos pela TV, que a escola deve estar atenta, pois ao abordar princípios básicos de moral, ela estará auxiliando o aluno a ter um ponto de referência para a construção da sua identidade.

Levando em consideração que as famílias, independente de suas formações, têm crenças diferenciadas no que diz respeito à moral e ao que é melhor para a sua criança, a escola não deve doutrinar a sua educação, de forma a ser laica. Porém, existem as escolas confessionais privadas, que podem escolher a sua doutrina, assim o aluno e/ou responsáveis tem o livre arbítrio para optar por tal escola ou não.

Os autores Valadão e Santos (1997 *apud* SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p.3) afirmam que:

Independentemente de como a família é constituída, esta é uma instituição fundamental da sociedade, pois é nela que se espera que ocorra o processo de socialização primária, onde ocorrerá a formação de valores. Este sistema de valores só será confrontado no processo de socialização secundário, isto é, através da escolarização e profissionalização, principalmente na adolescência.

Reafirmando a citação acima Sayão (*apud* SANTOS, 2001, p. 29) fala sobre a relação que a família tem com a Orientação sexual.

O trabalho de Orientação Sexual desenvolvido pela escola diferencia-se, pois, da abordagem assistemática realizada pela família, principalmente no que diz respeito à transmissão dos valores morais indissociáveis à sexualidade. Se, por um lado, os pais exercem legitimamente seu papel ao transmitirem seus valores particulares aos filhos, por outro lado, o papel da escola é o de ampliar esse conhecimento em direção à diversidade de valores existentes na sociedade, para que o aluno possa, ao discuti-las, opinar sobre o que lhe foi ou é apresentado.

Como dito acima, cada família se mune de seus princípios e valores para educar seus filhos, mas nunca deixarão de ser os seus primeiros educadores, daí a importância dela nos projetos escolares de educação sexual.

A família é, pois, responsável pela maturidade sexual dos filhos, por sua identificação ao papel feminino ou masculino, bem como sua definição relativa ao sexo. A questão é que muitas vezes a família não se dá conta de que as suas condutas também são formas de educar. A autora Siqueira aponta que “o que a criança imita primeiro não é alguém, são as condutas” (2004, p. 150).

Os autores Ana Paula de Sousa e Mário José Filho no artigo “*A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional*” mostram que:

O ambiente familiar é o ponto primário da relação direta com seus membros, onde a criança cresce, atua, desenvolve e expõe seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições, a primeira imagem de si mesma e seus primeiros modelos de comportamentos – que vão se inscrevendo no interior dela e configurando seu mundo interior. Isto contribui para a formação de uma “base de personalidade”, além de funcionar como fator determinante no desenvolvimento da consciência, sujeita a influências subseqüentes (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p. 2).

Como a educação sexual da escola não está proposta para substituir e/ou concorrer com a educação da família, a escola ao constituir o seu projeto, o seu currículo e a sua forma de orientar sexualmente, deve conhecer as necessidades de cada família. Por se tratar da sua vasta pluralidade a escola tem o dever de compreender, respeitar e dialogar com ela, o que enriquece a comunidade escolar e favorece o desenvolvimento de uma visão crítica por parte dos alunos (BRASIL, 1998, p. 305).

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais a Orientação sexual na escola precisa se constituir da seguinte forma:

a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a Orientação Sexual incluída na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores do trabalho. No diálogo entre a escola\* e as famílias, pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de idéias entre esta e as famílias. O apoio dos pais aos trabalhos desenvolvidos com os alunos é um aliado importante para o êxito da Orientação Sexual na escola (BRASIL, 1988, p. 304).

Enfatizando aqui o diálogo entre a escola e a família, que “diga-se de passagem é muito importante,” não há como melhorar a educação sem que elka esteja presente, pois como já mencionado é necessário que a escola, assim como a família, saiba o que acontece com seu filho.

Em se tratando de escola e família, Souza e José Filho, (2008) discutiram em seu artigo e chegaram à conclusão de que a escola tem realmente grande importância educacional na formação do ser social. Portanto, a parceria escola e família é necessária para que juntas atuem como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando.

Assim sendo, é de muito valor que a Orientação sexual exista e que esteja amparada por documentos como Parâmetros Curriculares Nacionais (1998),

no qual é proposto que a participação da família seja efetiva para a construção desta orientação escolar. Esta é proposta de forma transversal nos anos iniciais e sempre de acordo com as necessidades das crianças.

Para o ensino fundamental II (6º ao 9º ano) ela é proposta de forma sistematizada, mas, sem fins avaliativos. Não é porque são adolescentes que a família não deverá estar presente, diga-se então que a família tem papel fundamental na educação de seus filhos, sejam eles de qualquer idade, papel o qual a escola não poderá descartar jamais, até porque amparada por um documento de nível Nacional, não há o que discutir quanto a sua implementação na escola

### **3.2 Resultados da Pesquisa**

Esta pesquisa foi pensada com o intuito de saber o que realmente acontece nas escolas, com relação às manifestações sexuais das crianças e o que ela está fazendo para lidar com tal situação. Levou-se em consideração que existe a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais há 11 anos.

No entanto, durante as visitas feitas às escolas, encontramos várias barreiras que impediram, em termos, um resultado mais significativo, ora eram as professoras que pegavam o questionário e não respondiam, ora a escola dizia ter perdido os questionários respondidos. Quando não, a escola pedia para que o questionário fosse passado primeiro para a secretaria de educação de Londrina a fim de que fosse avaliado e concedida a permissão para que respondessem, criando assim uma burocracia desnecessária. Porém, entre idas e vindas, conseguimos um número mínimo de quatro questionários respondidos.

Estes foram respondidos todos por mulheres na faixa etária entre 20 e 50 anos, formadas em nível superior, sendo os cursos, pedagogia e letras.

O questionário foi construído por onze perguntas diretas, que procuravam saber como a Orientação sexual estava acontecendo nessas escolas nos anos iniciais. Procurávamos detectar quais eram as formas de manifestação das crianças, se estas tinham a influência da televisão, como os professores estavam trabalhando tais comportamentos das crianças e se as famílias estavam ativas no que diz respeito à educação sexual dos seus filhos.

Em uma análise geral das respostas podemos dizer que todas as professoras disseram desconhecer a proposta de Educação Sexual dos PCN's nas

escolas em que trabalham. Relataram, também, que só sabem da existência desse tipo de abordagem nos conteúdos da quarta série quando falam do corpo humano na disciplina de ciências.

Com relação a sua sala de aula, duas professoras disseram tentar resolver junto com as crianças quando alguma dúvida ou problema aparece, enquanto as outras duas disseram abordar o tema apenas por meio do livro didático, quando existente.

Em se tratando do interesse de trabalhar com as crianças de forma a orientá-las, duas se disseram interessadas em saber mais, enquanto isso uma disse não ter informação a respeito deste conteúdo, no que pareceu despreocupada; a outra omitiu a questão e preferiu não responder

No entanto, três das quatro relataram que sentem a necessidade por parte das crianças de satisfazer suas curiosidades, enquanto que a outra acredita que as crianças dos anos iniciais são muito novas para tais informações.

Em uma pesquisa feita com professores do ensino fundamental e do ensino médio na cidade de Jandira-SP, realizada pela enfermeira Dulcilene Pereira Jardim, especialista em Saúde Pública também conseguiu detectar que, muitos professores - não a maioria - assim como os de nossa pesquisa preferem adiar ao máximo possível a orientação sexual na escola. A autora complementa seus dados supondo que talvez seja para fugir à responsabilidade de colaborar com esta educação.

Quando perguntado a elas sobre a participação da família em assuntos sobre a sexualidade das crianças, o resultado foi curioso, uma delas disse que quando as famílias procuram a escola, eles as encaminham para a psicóloga, outra diz responder só o necessário quando dúvidas por parte da família aparecem, a terceira diz que as famílias nem chegam a falar nada sobre isso com a escola, enquanto a última hesitou em responder.

Quanto às manifestações relacionadas à sexualidade da criança por parte delas, três das entrevistadas disseram que quando presenciam brincadeiras e/ou músicas que envolvam seus genitais, chamam as crianças em particular explicando que o lugar certo para mostrar seus órgãos é no banheiro e não em público e dependendo da situação pedem à escola que chamem os pais para conversarem. Enquanto a outra novamente hesitou em responder.

Em relação a isso, pesquisamos e pudemos conhecer o que uma das revistas mais lidas pelos professores diz. A Revista Nova Escola do mês de agosto de 2008 recomenda que tal comportamento dos professores citado acima seja o procedimento certo, o de levá-los a entender que em lugar público não pode, mas, também, a revista diz que é neste momento que se deve abordar tais temas com a turma toda e responder às indagações das crianças.

As professoras também relataram que, estas manifestações são apresentadas geralmente pelas meninas e perceberam, também, que são intimamente ligadas aos conteúdos de novelas, filmes e propagandas; estas são vistas através de coreografias sensuais, abraços e beijos que imitam cenas da TV.

Como mencionamos no capítulo anterior, as crianças podem estar sendo formadas pela televisão, a qual passa um enorme tempo ligada para as crianças que, por sua vez, estão atentas e dispostas a imitarem tudo o que vêem.

À família e à escola cabe a função de guiar a criança aos caminhos que querem que ela siga. Mas, para isso, a participação da família na escola e a formação dos professores são fundamentais.

Neste mesmo questionário perguntamos a respeito da formação de cada professor e não é de se espantar que todas elas disseram que não tiveram nenhuma formação, mesmo sendo elas formadas em nível superior, nos cursos de pedagogia e letras.

Para finalizar a entrevista foi pedido para que dessem uma nota de um a dez que definisse a importância da Orientação sexual na escola. A média obtida foi de valor sete.

Estes dados de nossa pesquisa reforçam a tese da autora Hália Pauliv Souza (1991, p. 41) com relação à postura dos professores “O educador mostra sua educação ao transmitir conhecimento sobre educação. Será preciso que esta pessoa, disposta a educar, se eduque antes, se analise, se informe. Pense no que está fazendo”.

Assim como os professores devem estar preparados, os pais devem estar alertas ao que está sendo passado para poderem confiar e dar continuidade ao diálogo que é tão importante principalmente na família.



### 3.3 Entrevista com uma Orientadora Sexual

Visto que a pesquisa por meio de questionário com professoras dos anos iniciais não logrou tanto êxito quanto a quantidade de questionários, pensamos em uma complementação, que consistia em entrevistar uma orientadora sexual, analisar quais eram seus objetivos enquanto professora e perceber se essa orientação, tão pouco presente nas escolas, como mostraram as pesquisas citadas acima realmente é possível na sociedade atual.

Esta orientadora é uma pedagoga e bióloga com especialização em biologia aplicada à saúde e também especialista no método Billings é também coordenadora do CENPLAFAM (Centro de Planejamento Familiar) e uma religiosa. O Colégio em que atuou por 13 anos (1992-2005) como Orientadora Sexual era um Colégio Confessional, no entanto, ela relatou durante a entrevista que suas aulas não tinham finalidade religiosa.

Essa orientação era dada por ela nas séries correspondentes ao ensino fundamental II (6º ao 9º ano), que é feita de forma sistematizada. Esta, abrangendo a fase da adolescência. Quando perguntado a ela com relação aos anos iniciais, ela não hesitou em responder que até a sua saída não existia, mas, que o Colégio está planejando algo para esta faixa etária.

Os conteúdos trabalhados iam desde sexo, drogas, DST's, métodos contraceptivos até planejamento familiar.

Em relação à participação da família nessas aulas, disse que era corriqueiro as alunas pedirem para que aquelas aulas fossem dadas aos pais. Os pais vinham junto com os filhos e ali ela explicava o conteúdo programado e também alguns outros que queriam saber. Ainda falando de família, retratou a sua concepção a cerca da participação desta na educação da criança, *“a família é fundamental é a base, a criança não cria seus valores sozinhas, a família tem que participar em casa e na escola.”*

A questão mais pertinente era quanto a sua religião, as suas crenças. Se elas influenciavam em suas aulas ou não. Ela disse que é possível orientar sem colocar a religião no meio, mas, em seu caso era impossível, estava explícito; contudo, lembrou que as alunas estavam ali por livre escolha e/ou dos pais, pois em se tratando de colégio privado e confessional não tem o que os pais contestarem.

Esta entrevista foi pensada pela sua real importância, pois, se trata de uma pessoa que já passou pelo o que chamamos de orientação sexual, que conhece sobre o assunto e, principalmente, tem formação na área.

## 4 CONCLUSÃO

Ao término de um trabalho dessa natureza é que se percebe como é grande a necessidade de se discutir e programar a Educação Sexual na escola.

A partir desse estudo tivemos a oportunidade de perceber que orientação sexual e educação sexual não são iguais. No que se refere à Orientação sexual, entendemos que são as ações que acontecem dentro da escola. Essa que se encontra dentro da educação, que é mais abrangente, em que cabe as ações de todas as instituições educativas da sociedade.

Percebeu-se durante esse trabalho a importância que a família tem diante da educação sexual da criança, portanto, não se pode descartar de forma alguma seus valores éticos e morais, mesmo sendo eles os mais absurdos do ponto de vista do professor. Até porque este deve se preservar quanto aos seus valores sexuais, perante uma orientação.

Diante do despreparo da família provocado pelo atual contexto social para lidar com as manifestações da sexualidade da criança, a escola assume mais esse importante papel; contudo, para que isso ocorra, faz-se necessário investir na formação de pais e professores e não apenas no professor de ciências, mas de todos que convivem com os alunos.

Foi possível detectar na omissão de respostas dadas a nossa pesquisa, assim como os resultados obtidos nas outras citadas no trabalho, o desinteresse dos pais e professores pelo assunto.

No entanto, durante a entrevista com uma orientadora sexual, podemos perceber que é possível acontecer a orientação sexual proposta pelos PCN's (1998).

No que tange a influência da televisão no comportamento das crianças, ficou claro a sua invasão na formação da identidade dos pequenos. Uma vez que esta vem apresentando modelos sexuais de adultos para as crianças, e por isso é compreensível as atitudes que as crianças têm.

Para isso que os PCN's pede que se discuta assuntos abordados pela mídia de uma forma que leve o aluno a criar consciência crítica dos temas e decidir juntamente com a família qual conduta tomar.

Os PCN's deixam claro que a função da escola é transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, contribuindo para o pleno desenvolvimento do educando. Nesse sentido, é preciso que a escola se

reformule, reveja seu papel, especialmente no que diz respeito a sua relação com a família, pois não dá para uma educação em pleno século XXI caminhar desvinculada da família.

Mesmo as escolas sabendo da existência de um documento que a ampara, esta parece tapar os olhos, ignorar a sexualidade da criança, afinal a sexualidade já nasce com a criança. Mas não podemos deixar de colocar na conclusão desse trabalho o fato de não ter condições de o professor atuar de forma a educar sexualmente a sua criança, sem ter qualquer formação, seja ela na graduação ou continuada.

Falando nisso, cabe dizer que esse trabalho partiu do interesse sobre o assunto de duas pessoas que não conseguem entender como um professor em uma graduação não tem preparo algum em se tratando de orientação sexual.

A importância dessa formação para o professor é imensurável, pois sabemos que o professor pode matar um aluno tanto quanto um médico pode deixar morrer um paciente.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

**Estudos Feministas**, v.9, p. 575-585, 2º. Sem. 2001. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2009.

BRASIL. Ministério de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**.1998

BRÊTAS, José Roberto da Silva. JARDIM. Dulcilene Pereira. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Jandira, v. 59, n. 2, p. 157-162, mar./abr. 2006.

CHANDRA. Anita. Programas de TV com apelo sexual elevam risco de gravidez adolescente, diz estudo. **Folha Online**. 03 de novembro de 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u463504.shtml>>. Acesso em : 22 jul. 2009.

DEUS, Leonardo Nogueira de. A TV e a criança. **Boletim Lepanto**, .5. Disponível em:<<http://www.lepanto.com.br/TVecria.html>>. Acesso em: 01 abr. 2008.

FERREIRA, Petrúcio de Lima. **A influência da TV no comportamento infantil**: a recepção dos conteúdos audiovisuais por crianças de seis a dez anos de idade. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo) - Faculdades Integradas de Patos, 2008.

FERREIRA, Petrucio de Lima; SOUZA, Josiane Carla Medeiros de. **A influência televisiva no cotidiano infantil**: a recepção de conteúdos audiovisuais. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 10. São Luis, MA, de12 a 14 de junho de 2008. **Anais...**São Luis: UFMA, 2008.

LUCCL. Elian Alabi. **A História e a geografia dos PCNs**.(2000) Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br/videtur12/elpcns.htm>> Acesso em: 10 jun. 2009.

MARTINS. Maria Celina Toledo; SILVA. Gerson Abarca. **Sexualidade na contramão**: roteiro de orientação temática para pais, educadores e lideranças comunitárias. São Paulo : Ed. Paulus, 1995.

PINTO. Manuel. A televisão e a família: cruzamento de dois campos movediços. **Comunicar, Revista Científica Iberoamericana de Comunicación y Educación**, n. 24, p. 59-67, 2005.

RIBEIRO, M. **Educação sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

ROSEMBERG, Fúlvia. A educação sexual na escola. **Cadernos de Pesquisa**, n. 53, p.11- 19, maio, 1985.

SABAT, R. Quando a publicidade ensina sobre gênero e sexualidade. In: SILVA, L. H. (Org.). **Século XXI: qual conhecimento? qual currículo?**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS. Marluce Alves dos. **Orientação sexual no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental: uma realidade distante?**.2001. 60f. Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001..

SANTOS. Regima de Fátima Mendes; VALADÃO. Cláudia Regina. **Família e escola: visitando seus discursos.** (Trabalho de Conclusão de Curso)- UNESP, Franca, 1997.

SIQUEIRA, Teresa Cristina Barbo. Educação sexual informação sexual na escola. **Educativa**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 147-156, 2004.

SOUSA, Ana Paula de; JOSÉ FILHO, Mário. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 44/7, Enero, 2008. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1821Sousa.pdf>>.Acessoem: 10 abr. 2008.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Convivendo com seu sexo: pais e professores.** São Paulo. Ed. Paulinas,1991.

\_\_\_\_\_. **Sexo, energia presente em casa e na escola.**São Paulo. Ed. Paulinas, 2002.

SUPLICY, Marta et al. **Sexo se aprende na escola.** São Paulo: Olho d'Água, 1998.

\_\_\_\_\_. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia.** 4.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

## **APENDICE**

Questionário de pesquisa de campo

**UEL- Universidade Estadual de Londrina**  
**CECA- Centro de Educação Comunicação e Artes**  
**Departamento de Educação**

**Professor Orientador:** Juarez Gomes  
**Aluna:** Gisele Juliani Domingues  
**Turma:** 4º ano **Habilitação:** Educação Infantil

**Questionário de pesquisa de campo**

Este questionário tem a finalidade de pesquisar quantitativamente nesta escola *As possibilidades de diálogo entre Educação sexual escolar nas séries iniciais, família e as influências da televisão na sociedade atual*, sendo que este se refere ao Trabalho de Conclusão de Curso.

Esta pesquisa pretende saber como a escola trabalha a Orientação sexual escolar, sabendo que para atingir os objetivos propostos pelos PCN's, o tema transversal da orientação sexual deve impregnar toda a área educativa do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento.

É preciso que as questões sejam respondidas pelas professoras da escola. As mesmas responderão de acordo com a situação real da escola, levando em consideração que não há a intencionalidade de críticas negativas.

As questões serão colocadas em anexo no trabalho, porém sem revelar a identidade da escola pesquisada.

**Pesquisadora:** \_\_\_\_\_

**Coordenadora Pedagógica:** \_\_\_\_\_

**Cientes** \_\_\_\_\_

**Educador** \_\_\_\_\_

**Idade:** \_\_\_\_ **Sexo:** ( ) Fem. ( ) Masc. **Formação:** \_\_\_\_\_

Experiência profissional na área em que atua: \_\_\_\_\_



**1- Nesta escola em que trabalha, é prevista a Orientação sexual em seu currículo no ensino fundamental 1?**

---

**2- Como a professora realiza em sua sala de aula a Orientação Sexual ?**

---

---

---

**3- De que forma é planejada a Orientação Sexual em sua grade curricular?**

---

---

---

---

**4-Supondo que não está presente nas aulas a Orientação sexual a professora ainda pretende introduzi-la juntamente com a escola no currículo e posteriormente na grade curricular.?**

---

---

---

---

**5-Como profissional da escola, você percebe nas crianças a necessidade de uma Orientação Sexual?**

---

---

---

**6- Nos últimos anos a família dos alunos tem trazido questões pertinentes ao tema sexualidade da criança? Como a escola tem respondido aos questionamentos?**

---

---

---

---

**7-Quando as crianças têm comportamentos relacionados ao seu órgão genital ou a de outro amigo, como brincadeiras e músicas que envolvem os genitais, qual é a atitude que os profissionais da escola vêm tomando diante a situação?**

---

---

---

---

**8- Entre brincadeiras, coreografias musicais e carícias já foi percebido pelos profissionais algum tipo de influência da televisão? Dê exemplos.**

---

---

---

---

---

**9- Durante a sua formação profissional, você foi preparado de alguma forma para trabalhar a Orientação Sexual na sala de aula? De que forma?**

---

---

---

**10- Qual o nível de importância que daria para uma Orientação Sexual na escola?**

- |                            |                            |                            |                            |                             |
|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|-----------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 | <input type="checkbox"/> 3 | <input type="checkbox"/> 4 | <input type="checkbox"/> 5  |
| <input type="checkbox"/> 6 | <input type="checkbox"/> 7 | <input type="checkbox"/> 8 | <input type="checkbox"/> 9 | <input type="checkbox"/> 10 |